

## O TECER CULTURAL DOS SUJEITOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

### Janiara de Lima Medeiros

Doutoranda em Educação vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense (PPGE UFF), Linha Filosofia, Estética e Sociedade (FES). Integrante dos Grupos de Pesquisa (Núcleo de Estudos e Pesquisas em Filosofia Política e Educação (NuFiPE) e; Estado, Trabalho, Educação e Desenvolvimento: o Pensamento Crítico Latino-Americano e a Traduzibilidade de Antonio Gramsci (GPETED), ambos vinculados à Universidade Federal Fluminense (UFF).

<http://lattes.cnpq.br/3544078470911638>

<https://orcid.org/0009-0005-8610-4728>

E-mail: [jlmedeiros@id.uff.br](mailto:jlmedeiros@id.uff.br)

**ÁREA TEMÁTICA:** Ciências Humanas.

**RESUMO:** O presente trabalho foi desenvolvido a partir das vivências dos encontros proporcionados pela Política Pública do Governo Federal Leitura e Escrita na Educação Infantil desenvolvidos pelas Universidades UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) e UNIRIO (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro), dos encontros com o Grupo de Pesquisa Educação e Cultura da Universidade Federal Fluminense (GPECult - UFF) coordenado pelo professor William Ribeiro e da minha prática na educação básica, principalmente no que tange a Educação Infantil e seus sujeitos, no qual me insiro como parte atuante como Supervisora Escolar desde 2014 e observadora (pesquisadora desse campo) dos corpos, da dominação e dos movimentos, da dominação e dos corpos que a cultura nos traz através das brincadeiras e das práticas/ ações desenvolvidas no ambiente escolar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação. Cultura. Educação Infantil. LEEI.

### THE CULTURAL WEAVE OF SUBJECTS OF EARLY EARLY EDUCATION

**ABSTRACT:** This work was developed based on the experiences of meetings provided by the Federal Government's Public Policy on Reading and Writing in Early Childhood Education developed by the Universities UFRJ (Federal University of Rio de Janeiro) and UNIRIO (Federal University of the State of Rio de Janeiro), meetings with the Education and Culture Research Group of the Universidade Federal Fluminense (GPECult - UFF) coordinated by professor William Ribeiro and my practice in basic education, mainly with regard to Early Childhood Education and its subjects, in which I insert myself as an active part as a School Supervisor since 2014 and observer (researcher in this field) of bodies, domination and movements, domination and bodies that culture brings us through games and practices/actions developed in the school environment.

**KEYWORDS:** Education. Culture. Early Childhood Education. LEEI.

## INTRODUÇÃO

Eu sou Janaína Cardoso da Mota Ferreira, brasileira, 37 anos, casada, sem filhos. Vou contar um pouco das minhas histórias pessoal e profissional que contornam a minha

trajetória cultural. Fruto de um relacionamento de um homem de criação eurocêntrica (Portugal) e uma mulher piauiense e indígena, sou a filha caçula de quatro rebentos, talvez a mais agarrada com minha mãe e sua origem, pois eu não herdei a sua cor de pele e em alguns momentos minha mãe foi questionada pela minha maternidade. Ou seja, nasci da união de diferentes etnias em que desde a linguagem, a religião, as tradições sociais e comportamentais e os costumes se entrelaçavam e, eventualmente entravam em choque em razão da sociedade patriarcal vigente. Fica comprovada assim que a cultura em mais do que um conhecimento de formação, transformação ou entre as muitas abordagens teóricas, a do “cultivo”. Eu nasci, literalmente, do enlace étnico cultural e cresci presenciando a vida neste contexto.

Desde pequena acompanhava minha mãe em seus trabalhos, em casas de família<sup>1</sup>. Quando ouvia esta expressão “trabalho em casa de família” eu ficava inquieta pois indagava se nossa casa também não era de família. Esta pergunta soava em meus ouvidos constantemente e mesmo que perguntasse a minha mãe, não tinha uma explicação definida. Era interessante a forma como estava identificado este trabalho e como ela assumia comportamentos diferentes em casa residência refletindo a forma como éramos tratadas. Isso no sentido de responder ou não às ofertas dos donos da casa (patrões): alguns de forma mais séria, formal, para outros, ainda que envergonhada e com sorriso entre os dentes. Por exemplo: neste período, ainda que muito pequena, fui percebendo que, em algumas fui bem tratada, era convidada a sentar na mesa e aprendia “boas maneiras”, minha mãe não, comia sempre na cozinha.

Este contato com a atividade laboral da minha genitora contribuiu para que eu pudesse valorizar sua essência e em seguida, muito me auxiliou no desenvolvimento do olhar à diversidade cultural entre as famílias em que trabalhava, desde a sua composição, aos hábitos de higiene, diversidade religiosa, origens étnicas, variedade linguística, além das experiências que cada membro daquela família trazia e promovia, sem esperar, a construção do meu conhecimento sensível à estas diferenças. Recordo-me de uma das suas patroas me ensinar a andar de salto, dizendo que eu tinha porte de advogada. No entanto o conceito mesmo de “família”, eu e meus irmãos conseguimos entender a partir

---

<sup>1</sup> Identificação usada popularmente às mulheres que trabalham como domésticas prestando serviços em casas de outras famílias.

da nossa vivência em um terreiro de Umbanda: após sermos rejeitados pela família do meu pai, fomos acolhidos por uma família espiritual. Aquelas cores, corpos livres, pretos e brancos, ricos e pobres unidos no mesmo propósito: fé, amor e caridade, despertavam em mim um entendimento além do espiritual que só fui entender tempos depois, que era uma perspectiva sociocultural educativa.

Mais um momento da minha vida em que tive um encontro na perspectiva cultural de forma tão significativa e minha trajetória. Nas idas e vindas do trabalho da minha mãe, cada vez mais sem hora para chegar em casa, lembro-me que ela sempre dizia: “-Não tenho nada para deixar para você, então estude e seja alguém na vida”, eu já era alguém, pois a cultura antecede a educação e ela me alimentava de cultura através das histórias que me contava, acrescentando cada tijolinho à minha formação enquanto ser humano em minha moral e ética. Enquanto ela lavava, passava, e arrumava eu ficava em um canto da cozinha realizando as atividades. Sexta-feira era o pior dia da semana, eu sentia muita revolta, pois acontecia a grande faxina da casa. Por isso chegávamos mais tarde em nossa casa! Nestes dias a minha mãe sempre pedia minha ajuda. Então, enquanto eu secava o chão para ajudá-la, eu falava baixinho “- Ainda vou ter dinheiro suficiente para tirar minha mãe dessa vida”. Este foi o estímulo para que eu trabalhasse e pudesse dar uma melhor condição de vida para a minha mãe. Embora não soubesse mensurar o valor (preço) da educação escolar, minha mãe sabia o valor (sentido) da educação. Por isso ela não faltava serviço nem doente, somente quando tinha reunião de pais.

Quando eu concluí o Ensino Médio (Formação Geral), não houve uma formatura tradicional, minha turma optou em sair para jantar. Mamãe me vestiu toda com roupa nova e me olhava sem dizer nada, com brilho nos olhos. Hoje sei que o olhar é de orgulho, pois esse olhar sempre vejo em seu rosto. Naquele momento eu pensava em dar continuidade aos meus estudos e analisava qual seria. Entre tantas opções, sobretudo com foco na educação, isto porque eu entendi que desde o meu nascimento eu estava diante de contextos culturais nos quais a educação escolar poderia ser meu canal para entender os conhecimentos, teorizá-los e compartilhá-los.

O orgulho de ter minha mãe como a maior professora que já tive (e tenho) na vida fez com que decidisse pela pedagogia: esta é a formação que mamãe adquiriu na escola da vida, uma Pedagoga isenta de formação escolar que conduziu minha formação nos

diversos espaços sociais como: na família, no trabalho, na religião, no lazer, nas relações afetivas, etc. Assim, inspirada na minha grande mestra, decidi pela Pedagogia, tendo como forte as tendências metodológicas e didáticas no âmbito cultural. Até então seria um sonho, mas como a minha Mestra-mãe me ensinava “-um passo de cada vez, tudo a seu tempo”, assim perseverei. Ao terminar o Ensino Médio, sem profissão e experiência, fui trabalhar no comércio e fazia Pré-Vestibular social, mas logo entendi que não poderia cursar Universidade Pública, pois precisaria trabalhar.

Uma amiga indicou-me a uma vaga de recepcionista de consultório, após um ano fiz vestibular e passei para o curso de Pedagogia na Universidade Castelo Branco. Quando a dona da clínica descobriu, fui demitida, pois ela não admitia funcionário que estivesse estudando, principalmente no ensino superior. Por isso, com medo de não ter como ajudar financeiramente em casa, fui trancar a minha matrícula. Na ocasião, uma professora me concedeu uma bolsa, o dinheiro que tinha guardado fui aprender a fazer trufas de chocolate para vender e assim foi até o terceiro período, quando comecei a dar aula em um Programa do Governo Federal Brasil Alfabetizado, Estagiar na Prefeitura Municipal de Nova Iguaçu com Inclusão Digital para a 3ª idade e trabalhar em uma escola protestante particular. Apesar de estar em contato direto com a Educação de Jovens e Adultos, minha pesquisa na Graduação foi sobre a formação da identidade na Educação Infantil, principalmente em razão das minhas memórias de infância.

Casei-me em 2011 e no mesmo ano término a faculdade. Convidei minha mãe para colocar o anel de formatura no meu dedo. Porém minha mãe, não conseguiu subir até o púlpito do auditório e quebrando protocolo desci e fui ao encontro dela, não falamos nada, apenas nos abraçamos e choramos. Nesta ocasião eu estava trabalhando em uma Imobiliária de grande porte em Copacabana, pedi demissão e fui trabalhar dando aulas para Formação de Professores (Pós-Médio), experiência que guardo com muito carinho, pois a potência de criação era pungente. Em 2012 ingresso no meu primeiro curso de Especialização Lato Sensu em Orientação e Supervisão Educacional, em que pesquisei sobre Teoria e Prática Docente dos professores da Educação de Jovens e Adultos. Minha Orientadora Erica Leme estimulou que eu inscrevesse a pesquisa em algum evento.

Essa pesquisa foi publicada em dois anais dos seguintes eventos: V Seminário Discente do PPGEduc-UFRRJ e VIII Fórum da Pós-graduação da UFRRJ ambos em

2013. Em abril do mesmo ano fiz o concurso do município de Belford Roxo para cargo de Supervisão Escolar e passo dentro do número de vagas disponibilizadas no edital. A cultura eurocêntrica e a educação latina me fizeram acreditar que eu, filha de empregada, mesmo tendo a cor da pele branca, alguns lugares não eram para mim. Nesse momento lembro da professora Luciana, que lecionava história do terceiro ano do ensino médio me dizendo: “-Você vai chegar longe, mas não importe aonde chegar sempre se comporte diferente do que eles esperam de você”. Prestei concurso público pois, como a minha mãe dizia, era preciso ter uma forma mais segura de ter o dinheiro para viver. Muito sábia. Fui aprovada para o concurso e enquanto esperava a convocação fui trabalhando como auxiliar de coordenação em um colégio privado em Nova Iguaçu, Tutora no Centro Universitário Celso Lisboa e na Unopar. Mas, havia uma inquietação, eu não tinha em meu currículo o nome de uma Universidade Pública. Em 2014 fui convocada para o concurso que tinha passado e comecei a trabalhar com funcionária pública municipal em agosto de 2012. Empolgada com a nova experiência, em 2015 realizei a inscrição e passo no processo seletivo para o Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade e Inclusão Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF) em que pesquisei sobre “As Políticas de Formação Continuada dos Professores de Matemática da Educação de Jovens e Adultos no Município de Nova Iguaçu”.

Após o término desse curso, houve um hiato na minha identidade pesquisadora, a educação pública, por vezes é cruel com os seus sujeitos e sem percebermos somos engolidos pelo sistema. Mesmo estudando e pesquisando essas ações aconteciam somente para atender imediatamente a minha prática. Mas segui. E em janeiro de 2024 recebi de uma amiga um edital para inscrição como bolsista de um Programa do Governo Federal Leitura e Escrita na Educação Infantil (LEEI) pela Unirio/UFRJ, no qual me inscrevi e fui selecionada como Formadora Municipal para atuação em Nova Iguaçu. No primeiro encontro, sem identificações e apresentações, conheci de vista, a professora Janiara de Lima Medeiros. Timidamente e sem expectativas, nos aproximamos. A professora, hoje amiga Jani, é quem me estimula a escrever sobre minha prática e a participação no LEEI, despertando em mim uma necessidade de questionar o espaço em que atuo. Por isso Jani me incentivou a participar, como ouvinte, do GPECult (Grupo de Pesquisa em Educação e Cultura - GPECult) liderado por William de Goes Ribeiro, a fim de aprender mais sobre o percurso de cultura e territorialidade que abarcam em mim, de forma pessoal e

impessoal. E durante os encontros pude aprender ainda sobre as subjetividades, o território como um espaço de pertencimento e reconhecimento social, entre outros conhecimentos.

Em paralelo, o diálogo com os colegas do grupo me motivou a materializar o conhecimento que havia apreendido nas semanas iniciais como Formadora Municipal no LEEI em que havia apresentado trabalhos, experiências autobiográficas e, desta forma, fui estimulada a não deixar que os conhecimentos, frutos de inquietações e pesquisas, se perdessem. Assim publiquei dois artigos: 01) Professora: uma realização com frequentes desafios e 02) Corpos, brincadeiras e interações. Outra produção relevante e recente foi a que me envolvi, a partir da divulgação pelo GPEcult: inscrevi-me para apresentação de trabalho na 7ª Feira Literária de Mambucaba (FLIM), que acontecerá de 04 a 07 de setembro. O título do trabalho aprovado para apresentação oral é “Formações de Professores e práticas interculturalidades.” Estas atividades e produções ocorridas durante o meu percurso profissional me mostraram a necessidade de refletir sobre área da educação infantil, suas culturas e seus corpos, visando proporcionar uma educação que dialogue e respeite o sujeito, questionando uma educação lúdica que tolhi corpos pequenos justificando essa ação em uma organização institucional. Isto porque é cada vez mais forte em mim o quanto a minha trajetória profissional se traça, de forma que eu me encontro cada vez mais indócil a fim de aprender acerca dos saberes cultural, social e corporal, a fim de dar voz e vez aqueles que são calados pelos territórios e culturas eurocêntricas. São muitos questionamentos e reflexões que não consigo definir. Portanto a busca pelo Mestrado seria o meu caminho de que necessito a fim de obter uma orientação à formação enquanto pesquisadora na área da Cultura e da educação.

Naturalmente estou sensível a ampliar esse repertório referencial. No entanto, destaco que, este referencial subsidiará minha pesquisa a fim de articular meus estudos e produções visando buscar respostas às minhas inquietações acerca da valorização do docente da educação infantil que está na escola não somente para “brincar” no sentido da brincadeira como “passa-tempo”, mas como promotor dos jogos e da brincadeira necessários ao desenvolvimento cognitivo da criança que repercutirá, inclusive, no processo de leitura e produção escrita das crianças como futuros leitores do mundo. Independente de jogos e brincadeiras com a mediação ou somente com a observação (sem

mediação) do professor, cada enredo, tipo ou motivação, concedem papéis para cada criança, que iniciam às negociações por meio das relações-interpessoais feitas por elas. O docente da educação infantil deve ser reconhecido e valorizado a ponto de ter o incentivo à formação continuada para que esteja preparado aos novos sujeitos que se formam na sociedade que, em constante mudança, interfere na cultura e, da mesma forma, recebe reflexos da cultura local.

Outrossim ressalto que o ingressar no Mestrado é um sonho que viabiliza que eu dê continuidade a pesquisa sobre as múltiplas culturas dentro do território do brincar e do espaço escolar em que as relações de poder sobre os corpos (do docente para com as crianças e das crianças entre si quando atuantes em jogos e brincadeiras, sejam com ou sem a mediação) podem construir (ou não) sentidos de autoridade, controle, ordem, disciplina, hierarquia e meritocracia ou simplesmente atingir à interpretação de organização escolar, conforme a cultura predominante.

## **DÍALOGOS ENTRE CURSISTA E FORMADORA MUNICIPAL DO PROGRAMA FEDERAL LEITURA E ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Desde o momento em que recebi o edital e houve a possibilidade em estar em grupo discutindo, refletindo e pensando a Educação Infantil despertou em mim um certo êxtase. Mas, como de costume surgiram dúvidas e questionamentos sobre os seguintes aspectos: O que é Leitura e Escrita na Educação Infantil? O que LEEI? Como se forma/formando?

Os primeiros contatos foram por mensagens de WhatsApp para organização da parte administrativa e logística, que nada respondiam aos questionamentos anteriores. Mesmo atuando algum tempo na Educação Infantil, surgem dúvidas, principalmente no que tange ao diálogo com a academia, a famosa práxis, assim, Freire (2011, p. 67), afirma que:

(...) toda prática educativa envolve uma postura teórica por parte do educador. (...) Separada da prática, a teoria é puro verbalismo inoperante; desvinculada da teoria, a prática é ativismo cego. Por isso mesmo é que não há práxis autêntica fora da unidade dialética ação reflexão, prática teoria.

Assim minha memória retorna ao primeiro encontro com as cursistas, em que uma delas disse ao final do encontro: “*Já faço isso, só não sabia que tinha nome.*” Com certeza esse é o diferencial do LEEI de ponta a ponta o diálogo acontece entre docentes, professores das Universidades com embasamentos teóricos e professores da educação básica com a prática, pensam em Educação Infantil de possibilidades linguísticas e culturais, sim no plural, pois crianças, infâncias e culturas são diversas, principalmente em um país tão grande como o nosso. Recorrendo mais uma vez ao mestre Freire, isso não quer dizer que são saberes maiores ou menores, mas saberes que se complementam, dialogam e proporciona uma Educação Infantil qualitativa e de significância para a criança.

Optei em ter um diário de bordo que Porlán (1997) afirma é um guia para reflexão e avaliação do processo de evolução do processo docente. Desde o primeiro encontro que ocorreu no dia 13/04/2024, venho fazendo anotações que organizarei de forma cronológica nesse texto.

O LEEI se inicia para nós formadoras municipais e cursistas no dia 09/04, no Seminário de Abertura, dentre tantos textos e informações, destaco uma frase da professora Kramer (2024) “*O trabalho educativo não é de fechar portas, mas de abrir portas e janelas*” e outra da professora Barbosa (2024) “*docência relacional que é a construção de relações e interações*”. Essas duas frases traduzem o que tem sido o Programa nesse primeiro semestre, janelas e portas abertas para novo e o conhecimento sendo transformado através das relações e interações.

## FORMANDO PARA FORMAR

A formação da formadora municipal acontece de forma assíncrona presencial uma vez por mês das 08:30h às 17h, sendo dois encontros no mesmo dia (exemplo encontro 1 pela manhã e encontro 2 tarde), isso não quer dizer que os encontros são corridos ou chatos, pelo contrário são dinâmicos, prático e prazeroso. No primeiro encontro percebi que as inquietações não eram só minhas, todos traziam consigo questões e que dialogavam com as minhas.

No primeiro encontro a Professora/ Formadora Gabriela Scramignon nos apresentou de forma clara como aconteceria a prática formativa do LEEI, o que são culturas da infância, o que são infâncias e a importância de se formar/ formando. Da mesma forma que o conhecimento, aprendizado e desenvolvimento acontecem através do movimento na Educação Infantil, no LEEI a dialógica do conhecimento se dá através do movimento feito entre Formadora Estadual-Municipal-Cursistas e são nesses movimentos que vão se tecendo saberes.

Tendo a Arte como tema central desse encontro, destaco uma frase que me impactou de forma significativa: *“A leitura não é unicamente deleite, pode ser, mas pode trazer outros sentimentos”*.

Além da apresentação dos princípios norteadores do LEEI nesse encontro ficou claro que um dos objetivos do programa é o diálogo entre os sujeitos que compõe essa etapa da educação básica. E a partir desse encontro surgiu novas indagações: Quem são esses sujeitos? O que são culturas da infância? O que são infâncias?

Iniciamos a parte da tarde com tertúlias literárias, termo até então desconhecido por mim e pelos meus pares, assim como está escrito no cad.1, par.2-pág. 107, “tertúlia é uma reunião de gente para discutir ou conversar” (Houaiss, 2001, p. 2707)”. No nosso caso “tertuliamos” sobre um determinado autor, que nesse encontro foi João Anzanello Carrascoza, trechos dos seus textos foram colocados em envelopes e meu grupo conversou sobre a “crônica: A dança do Arco-íris”, que é uma lenda indígena recontada pelo autor, que fala sobre segredo, descobertas e amizade.

Outro acontecimento nesse encontro foi o *livro Apesar de tudo*, o texto narrado de forma espetacular pela formadora, nos leva para vários cantos, mas no que tange a Educação Infantil diz: *“Mas, apesar de tudo, a coragem, a perseverança, a paciência e a resistência nos levam a diante”* (Dipacho).

Sair desse encontro tendo consciência que não existe textos, livros e artes para o público infantil e adultos, textos, livros e artes são de prazer comum a todas as idades, cada faixa etária irá ruminar de uma forma, mas todos precisam ter acesso a diversidade de acervos.

O segundo encontro que teve como temas centrais infâncias, memória e cultura e os baús das infâncias dos formadores municipais. Os livros e objetos que remetiam a infância foram compartilhados e regados com lágrimas. Concluímos que a nossa infância não foi tão diferente das infâncias dos alunos. Que uma colher de pau pode remeter a mingau, assim como também pode dialogar com “palmadas”. Nesse momento é impossível não lembrar do poeta da miudeza Manoel de Barros a nossa sala de aula ficou do tamanho do quintal da nossa infância.

Com tantos objetos, folhas, fotos, cheiros compreendemos que assim como o nossos alunos e suas famílias somos produtores de cultura, nesse sentido, destaco a fala da Lina dizendo que: “*suas antepassadas, mulheres negras e escravizadas deixaram um acervo de cartas.*” Como se dá a cultura e a cultura do escrito para nós, para nossos alunos e suas famílias? Freire (1962, p. 62), exemplifica isso,

O homem não é um ser de adaptação, mas de decisão. Está sendo no mundo e com o mundo. Este “está sendo” envolve sua relação permanente com o mundo, envolve também sua ação sobre ele.

Aprendemos a consumir cultura como se fosse um objeto na prateleira a ser comprado ou então um bem a ser guardado, esquecemos sobre quem somos e que trazemos uma cultura tão vasta, portanto somos produtores de cultura, mas precisamos entender o que é cultura e o que é estético. Em um contexto de fácil entendimento a cultura humaniza e o estético é o sentir.

Dialogamos sobre o perigo da homogeneidade de pensar em cultura, infância, criança, brinquedo e brincadeira. Dessa forma o diálogo entre o escrito e a oralidade deve acontecer, pois não estão dissociados, pois estão inseridos em um contexto cultural.

Algumas crianças, mesmo antes de aprender a falar (e a escrever), conseguem manipular com desenvoltura um *tablet* ou um celular. Essas pequenas cenas cotidianas expressam o quanto a cultura é dinâmica, o quanto os sujeitos produzem cultura e os valores e significados que são historicamente atribuídos ao oral, ao digital e ao escrito nas nossas sociedades contemporâneas (Galvão, Cad. 3, p. 20).

Ainda houve a contação da história do *livro “Letras de Carvão”* que nos leva a refletir sobre a importância, o poder de mudança e valor da escrita para o sujeito, principalmente a expectativa das famílias na inserção das crianças nas escolas.

Em um encontro de tantos afetos e possibilidades abordamos temas que precisam ser constantemente discutidos que brincadeira não precisa de brinquedo, que em um país como nosso, o homogêneo no que tange o diálogo com a educação infantil não existe, que o papel da escola não é reproduzir, mas ampliar os repertórios de brincadeiras, culturas e possibilidades, a diferença entre criança e infância, a composição do sujeito criança e a sua integralidade (criança não é fragmentos), a valorização da escrita e linguagem da criança e de sua família, a variação linguística (etária, regional, contextos sociais, não verbal e etc.) e a visibilidade (diálogo) dos sujeitos e não apenas com a norma institucional.

Os temas abordados foram a criança como sujeito cultural e social, modos de participação das crianças e modos de mediação dos adultos, a escuta das crianças pelos adultos, memórias, infâncias e experiência literária. O encontro foi recheado de vídeos e intervenções e colocações, destaco o vídeo “caminhando com tim tim”, um audiovisual repleto de poesia dentro da perspectiva exploratória do olhar da criança e do respeito da mãe em relação as descobertas.

Falamos sobre corpos, corpos que brincam, passeiam, exploram e descobrem. Corpos infantis que por vezes são tolhidos com um discurso de proteção ou organização. Corpos que se desconstroem e se constroem através das experiências do mundo, da intervenção do adulto (sem limitar) e principalmente das brincadeiras. Nesse sentido diálogo com a frase o vídeo Cultura da Infância “*canções para ninar e brincos para acordar*”, bebê ou crianças maiores independentes do momento sempre estão explorando os sentidos e próprio corpo, seja sendo ninado ou acordado.

O corpo em movimento e livre do ridículo, de forma prática fomos colocados para dançar uma quadrilha junina/julina, o que proporcionou a exploração do espaço, do corpo e da interação do grupo.

Debatemos em olhar a infância e a criança em uma perspectiva de fenômeno e estado, destaco a frase da formadora Gabriela Scramignon: “*É epistemológico a criança o brincar, a criança não fragmenta o momento da brincadeira com qualquer outro momento da rotina*”.

Entre o descobrir, o brincar e o explorar da criança, o adulto fica responsável pela escuta e registro desse sujeito, nesse sentido a fala da criança e a escuta do adulto tornam-se metodologia do processo de ensino.

A literatura tem o dom de ativar as emoções do leitor e acredito que se tratando do LEEI e das tertúlias literárias tem a função de nos fazer dialogar com a criança que um dia fomos e olhar para as crianças das nossas unidades escolares com um olhar humano. Se esse não é o objetivo, em mim tem causado isso.

Nesse encontro a autora apresentada foi Geni Guimarães, rescrevo a frase da Scramignon: “*Geni é uma autora que precisamos levar para as formações, mesmo com sua grandiosidade literária não é tão conhecida*”.

Quando li o conto *Infância Acesa* lembrei da minha mãe uma mulher indígena, com o nome Benedita, na época nome igual ao da governadora do Rio de Janeiro, toda vez que eu levantava ou falava na sala de aula os colegas gritavam: “UH BENEDITA!” dingo da campanha da governante. Mesmo a minha pele de cor clara não foi capaz de salvar minha mãe e a mim desse preconceito racial, que mesmo me incomodando era visto pelos professores como brincadeira. E para minha mãe orgulho de ser comparada a Benedita da Silva, atualmente Deputada Federal. Só fui entender essa problemática anos depois, pois essa “brincadeira” estava ligada a cor e ao estereótipo dos corpos de duas mulheres.

O livro indicado para apreciação da tertúlia foi *Leite de Peito*, os sujeitos (autor, personagem e narrador) que compõem os contos colocam os negros no centro da literatura. Apesar de ter lido todos os contos identifiquei-me com as “*primeiras infâncias*”, pois aos três anos eu mamava em pé entre minha mãe e a máquina de costura. A narrativa dos contos nos apresenta uma infância não tão conhecida por nós, dialogando perfeitamente com o objetivo do encontro.

Relembramos os conceitos de estética e ludicidade, brincar livre e brincar dirigido, materiais estruturados e não estruturados. Assim como abordamos sobre banho sonoro e manta protetora, mas a principal reflexão foi sobre a literatura oral.

A narração constitui a principal fonte de entrada para a linguagem. Narramos para sobreviver, para compreender o significado das coisas que acontecem ao nosso redor, para

organizar o tempo. Os bebês precisam, prioritariamente, destas experiências narrativas precoces, tanto aquelas que organizam a vida cotidiana (“Agora vou dar banho em você, vou tirar a sua roupinha, depois vamos comer e descansar...”), “Nossa, olha esse passarinho que está em cima do galho, agora saiu voando... é muito colorido!”, por exemplo) quanto as narrações poéticas, que nos dão os contos e alimentam o território da ficção.

Essa experiência narrativa está apoiada em uma relação de cuidados afetivos, de experiências com as palavras e olhares compartilhados. Por isso, daremos especial atenção ao pensar conjuntamente sobre o que seriam os primeiros vínculos e como eles influenciam o desenvolvimento psíquico e poético das crianças (Lopes, Caderno 4, Unidade 1, p. 14).

Os encontros dez e onze que encerra o primeiro semestre como formadora tem como temas Linguagem, Leitura e escrita no cotidiano da Educação Infantil, Escrivivência e Experiência literária; Criança; Infância; Linguagem; Responsividade do adulto; Interação e subjetivação; Criança como sujeito potente; fluxo da comunicação verbal; Dialogismo.

Nesse encontro falamos sobre as estruturas textuais, de infâncias e culturas, destaco a abordagem de como são “controlados/ educados” os corpos nas unidades de ensino para a Educação Infantil.

Nos debruçamos e refletimos sobre a prática social da linguagem oral e escrita na perspectiva dos sujeitos que compõem a educação infantil, entendo que os três direitos que permeiam as crianças são previsão, participação e proteção no processo de linguagem e escrita.

As práticas com a linguagem oral e com a linguagem escrita a serem efetivadas na Educação Infantil, pensadas a partir dessa perspectiva, consideram as interações verbais, tanto na modalidade oral quanto na escrita, como um fenômeno social que ocorre a partir das condições concretas de vida das crianças (Corsino *et al.*, Cad. 5, p. 19).

Um encontro em que aborda escrita, linguagem e experiência, a tertúlia com Conceição Evaristo, mais precisamente sobre o termo *escrevivências*, que a autora explica da seguinte forma,

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens mulheres e até crianças. E ontem nem a voz pertencia as mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita,

nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais (Evaristo, 2020, p. 20).

Encerramos o semestre com essa citação da última tertúlia do ciclo é que fala sobre corpo, voz, literatura, escrita, oralidade, pertencimento e tantos outros temas, é que resumidamente é a proposta do LEEI para a Educação Infantil, no meio de tantas suposições e “achismos” maldosos, encerramos esse ciclo entendendo que a Leitura e Escrita na Educação Infantil é muito maior que alfabetizar crianças de zero a cinco anos.

É visível que o LEEI tem possibilitado uma inquietação no modo de se fazer a prática na educação infantil, tem proporcionado momentos de troca, reflexões e desconstruções no cotidiano docente e escolar.

## PROFESSORA OU PESQUISADORA

Algo que eu não vislumbrava era a necessidade de professor, independente da sua área de atuação dever ser, necessariamente, um pesquisador. Somente por meio da pesquisa é que além de nos atualizarmos, direcionados à formação continuada, e nos especializamos como pessoas, profissionais e entregamos o nosso melhor aos alunos, público-alvo da educação que tanto sou encantada,

No entanto ser pesquisadora é mais do que ser somente leitora e estar em formação continuada é mais que realizar cursos ou palestras. Por isso, a oportunidade quando me veio por meio da participação como ouvinte no Grupo de Pesquisas em Educação e Cultura (GPECult)<sup>2</sup> através da professora Janiara de Lima Medeiros<sup>3</sup>, abriu-me os horizontes quanto aos conhecimentos acerca da cultura e da educação, e tem contribuído as minhas práticas docentes.

Passei a entender que todo professor deve ser pesquisador, embora nem todo pesquisador seja professor. Mas para os educadores em exercício, a pesquisa é o

---

2 Certificado pelo CNPq desde 2021, criado e liderado pelo professor William de Goes Ribeiro, vinculado à Universidade Federal Fluminense (UFF).

3 Doutoranda em Educação vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense (PPGE UFF), Linha Filosofia, Estética e Sociedade (FES). Integrante dos Grupos de Pesquisa (Núcleo de Estudos e Pesquisas em Filosofia Política e Educação (NuFiPE); Estado, Trabalho, Educação e Desenvolvimento: o Pensamento Crítico Latino-Americano e a Traduzibilidade de Antonio Gramsci (GPETED) e; Grupo de Pesquisa Educação e Cultura (GPECult), todos vinculados à Universidade Federal Fluminense (UFF). Universidade Federal Fluminense (UFF). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3544078470911638>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-8610-4728> E-mail: [jlmedeiros@id.uff.br](mailto:jlmedeiros@id.uff.br)

combustível da atualização, da motivação e das saudáveis trocas e construção de relações com profissionais de diferentes instituições, formações e áreas de atuação.

Outrossim, cabe destacar que através do GPECult conheci a metodologia de pesquisa autobiográfica valorizando minha voz, minha vez, minhas experiências e formação enquanto docente. Nunca havia escrito artigo, apresentado trabalhos ou publicado meus escritos por insegurança de que estariam validados pela “Academia”. No entanto, GPECult enxergou o valor das minhas narrativas, embora entendendo que tenho um longo percurso a percorrer em busca de leituras e estudos sobre referenciais teóricos a fim de embasar as minhas pesquisas e responder às minhas inquietações. No grupo passei a entender que minhas narrativas são relevantes e situam-se num futuro no qual os conhecimentos sobre educação e cultura se consolidam e torna-se necessário aprender a nomeá-los. Mantenho minhas abordagens originais a partir das minhas vivências e desde então tenho produzidos materiais com interesse de contribuir com a formação (inicial e continuada) de outras professores estimulando-os a ingressarem neste universo encantador da leitura dirigida, da pesquisa e da produção acadêmica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A grande importância do LEEI enquanto política pública está para além do diálogo entre as Universidades e a Educação Básica, mas sim à discussão dos sujeitos que fazem e pensam uma Educação Infantil de qualidade e significativa para as crianças. Sujeitos esses que não estão separados em uma hierarquia, mas passeiam por todos os lugares do programa, assim como acontece na rotina das Unidades Escolares, ora formando, ora sendo formado, mas a criança sempre no centro das ações e dos diálogos.

O primeiro semestre amadureceu as ideias e possibilidades, o segundo semestre nos proporcionou ações transformadoras na Região Sudeste, principalmente nos municípios da Região Metropolitana do Rio de Janeiro (Baixada Fluminense). E, para além da formação no LEEI, ingressar no GPECult ampliou meu horizonte para o potencial de estudos acerca da educação e da cultura numa visão internacional, inter, trans, multicultural com reflexos no meu fazer docente diante de perspectivas inter, trans e multidisciplinar.

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre o brinquedo, a criança e a educação**, SP, Ed. 34, 2002.

BRASIL. **Ser docente na educação infantil: entre o ensinar e o aprender**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. - 1.ed. - Brasília: MEC /SEB, 2016. 128 p.: il.; 20,5 x 27,5 cm. - (Coleção Leitura e escrita na educação infantil; v.2).

BRASIL. **Ser criança na educação infantil: infância e linguagem**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. - 1.ed. - Brasília: MEC /SEB, 2016. 112 p.: il.; 20,5 x 27,5 cm. - (Coleção Leitura e escrita na educação infantil; v.3).

BRASIL. **Linguagem oral e linguagem escrita na educação infantil: práticas e interações**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. - 1.ed. - Brasília: MEC /SEB, 2016. 120 p.: il.; 20,5 x 27,5 cm. - (Coleção Leitura e escrita na educação infantil; v.4).

BRASIL. **Bebês como leitores e autores**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. - 1.ed.- Brasília: MEC / SEB, 2016. 120 p.: il.; 20,5 x 27,5 cm. - (Coleção Leitura e escrita na educação infantil; v.5).

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. Tradução de Enid Abreu Dobráns zky. Campinas: Papyrus, 2012.

CORALINA, Cora. **Sou Feita de Retalhos Cora Coralina**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tn6rO2orJwE>. Acesso 16.ago. 2024.

DIPACHO. **Apesar de tudo**. Ilustração do autor; tradução Mell Brittes. – 1ªed. – São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2018.

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Ilustrações Goya Lopes. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FOUCAULT, Michael. **Vigiar e punir: o nascimento da prisão**. 42ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2014. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis/, RJ: Editora Vozes, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1962.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GUIMARÃES, Geni. **Leite de Peito**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2001.

HALL, Stuart. **Identidade cultural e diáspora**. Comunicação & Cultura, n.º 1, 2006, pp. 21-35.

LACAN, Jacques. **O estádio do espelho como formador da função do eu [1949]**. In: Escritos. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LEPI - FaE / UFMG. **Compromisso Nacional Criança Alfabetizada - Educação Infantil - Região Sudeste**. Youtube, 9 de abr. de 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yFhc0O38xJg>.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos históricos, Rio de Janeiro., v.5, n.º 10, 1992, pp. 200-212.

PORLÁN, Rafael; MARTÍN, José. **El diario del profesor: un recurso para la investigación en el aula**. Sevilla: Díada, 1997.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

VASCO, IRENE; PALOMINO, JUAN. **Letras de Carvão**. Tradução Márcia Leite. – 1<sup>a</sup> ed. – São Paulo: Pulo do Gato, 2016.

RICHTER, Rosana.; VICENZI, Túlio. Kléber; **Fundamentos e teoria organizacional**. Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI – Indaial, 214 p., 2016.